

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**Gestão de Instituições Federais de Educação Superior**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E  
ACOLHIMENTO AOS ALUNOS COM SOFRIMENTO MENTAL**

**Eliane Kelli Gaudêncio**

**BELO HORIZONTE**

**2018**

**ELIANE KELLI GAUDÊNCIO**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E  
ACOLHIMENTO AOS ALUNOS COM SOFRIMENTO MENTAL**

**Eliane Kelli Gaudêncio**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Gestão das Instituições Federais de Educação Superior.

Linha de Pesquisa: Gestão em Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha

Coorientador: Prof. Ms. André de Carvalho Bandeira Mendes

**BELO HORIZONTE**

**2018**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Pós-Graduação em Matemática: Uma Proposta de Intervenção e Acolhimento aos Alunos com Sofrimento Mental.

Eliane Kelli Gaudêncio

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade especialização, defendido junto ao Programa de Gestão de Instituições Federais de Ensino Superior - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – aprovado pela banca examinadora, constituída pelos professores:

---

Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha (Orientadora)

---

Prof. Dr. André de Carvalho Bandeira Mendes (Coorientador)

---

Avaliador (a)

---

Avaliador (b)

**BELO HORIZONTE**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a DEUS pela fidelidade e por mais essa vitória! "Por tudo o que tens feito, por tudo o que vais fazer, por tuas promessas, enfim, por tudo o que és em minha vida (minha base), quero te agradecer com todo o meu ser".

Agradeço a minha valiosa família: mamãe e papai, Elza e Egmar, pela existência, torcida e esperança, aos meus irmãos queridos Egnaldo e Elcinho (In memoriam), por serem amorosos e grandes parceiros - vocês são surpreendentes! As minhas cunhadinhas lindas, Ana e Flávia, pelo carinho, auxílio e empatia, e como não poderia deixar de ser, agradeço também, aos meus grandes amores, Livia e Maria Eduarda, pelo "simples" fato de existirem e me tornarem uma pessoa melhor.

Ressalto especialmente o meu lindo Vinicius por todo apoio prático e emocional, sem ele esse projeto não seria o mesmo, Andréa (a chefe) pela compreensão nos momentos de "aperto" estudantil, Thaís pelos conselhos estruturais e demais amigos, que a meu ver é a parte da "família" que se escolhe.

Agradeço, também, aos mestres por todo o conhecimento repassado, principalmente Teca e André, por além de ensinamentos estudantis, foram sensíveis aos meus momentos difíceis.

Enfim, essa conquista não foi solitária, teve a ajuda de muitos e agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para o êxito dessa construção.

## **RESUMO**

O presente estudo trata de uma proposta que possibilite o acolhimento de alunos da Pós Graduação em Matemática, que apresentem quadro de sofrimento mental, talvez em decorrência de desafios de ordem pessoal, social, econômica, financeira e cultural. Pretende-se a abertura de um espaço de escuta para o sofrimento do corpo discente, possibilitando o acolhimento das queixas. Para alcançar esse objetivo é elaborada uma proposta de intervenção envolvendo os três segmentos da UFMG: docentes, discentes e técnicos administrativos, para juntos proporem formas de enfrentamento, conexões com serviços de assistência, escutas, enfim alguma forma de apoio aos estudantes. Este será um espaço onde as ações poderão ser articuladas com os diversos atores institucionais da Universidade. Assim, tenta-se evitar perdas de potenciais profissionais e pesquisadores e, acima de tudo, dá devida atenção a esse contexto preocupante de transtorno emocional. Esta perspectiva de trabalho é consonante com as atuais práticas organizacionais e embasada em atividades em curso, usa-se um referencial teórico que prescreve o trabalho em rede com o protagonismo dos vários participantes da instituição, com foco no desenvolvimento e na saúde.

**Palavras-chave: Alunos de Pós-Graduação, Saúde Mental, Projeto de Acolhimento.**

## LISTA DE SIGLAS

<b>AE</b>	Agência de Estado
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CEFET</b>	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
<b>CISME</b>	Comissão Institucional de Saúde Mental
<b>DAST</b>	Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador
<b>FAPEMIG</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
<b>FUMP</b>	Fundação Universitária Mendes Pimentel
<b>ICEx</b>	Instituto de Ciências Exatas
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>PPGMAT</b>	Programa de Pós-Graduação em Matemática
<b>PRAE</b>	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TAE</b>	Técnica-Administrativa
<b>TDAH</b>	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
<b>TI</b>	Tecnologia de Informação
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFSCar</b>	Universidade Federal de São Carlos
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1.2. Justificativa.....</b>	<b>13</b>
<b>1.3. Objetivos.....</b>	<b>19</b>
1.3.1. Objetivo Geral.....	19
1.3.2. Objetivos Específicos.....	19
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
<b>3. METODOLOGIA/PLANO DE AÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>4. CRONOGRAMA.....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>
<b>Anexo I – Questionário aplicado aos alunos de Pós-Graduação em Matemática.....</b>	<b>33</b>
<b>Anexo II – Entrevista.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atuo desde 2008 como funcionária técnica-administrativa (TAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse momento de elaboração deste projeto de intervenção atuo como secretária do Programa de Pós-Graduação em Matemática, do Instituto de Ciências Exatas (PPGMAT/ICEx). Percebo com frequência certo mal estar entre alunos, o surgimento de quadros de sofrimento mental, que mesmo não sendo psicóloga e tampouco trabalhando na área de saúde, acredito ser possível apontar que essa situação está vinculada aos diferentes tipos de transtornos psicológicos, associados à situação universitária de pós-graduandos e seus vários desafios. Esta ocorrência, contemporânea e relevante, ocupa atualmente preocupação nos diversos segmentos que atuam no ensino superior, ela vem ganhando destaque e ampla divulgação na mídia, como será tratado no decorrer do trabalho.

No cotidiano do Programa venho presenciando esta situação preocupante de alunos, que mesmo tendo um enorme potencial acadêmico, ao longo do percurso, como pós-graduandos, apresentam baixa no rendimento estudantil, atrasos nas entregas de exames de qualificação, de projetos de teses e trabalhos ou, na pior das hipóteses, abandonam o curso ou são excluídos de suas atividades.

Torna-se comum a presença desses alunos na secretaria solicitando extensão de prazos para conclusão de suas tarefas, exclusão de disciplinas, trancamento total de matrícula, enfim, solicitando alguma forma de acolhimento, demonstrando suas dificuldades em continuar o curso, por estarem com a saúde mental comprometida, impactando nitidamente na avaliação do curso, que possui limites e responde a vários órgãos de fomento e controle como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), etc. Alguns relatam, também, que já foram à primeira consulta psicológica ou pediram alguma outra ajuda especializada.

Mesmo sem formação em saúde mental tal situação mobiliza o setor, entretanto só a mobilização afetiva pode ficar rasa e tornar-se pouco efetiva. Desta forma é necessário situar o meu lugar institucional, delimitar a situação e as formas de enfrentamento de maneira assertiva, planejada e com a possibilidade de validação intersubjetiva.

Além do mais, a percepção dessa questão, a ser tratada, perpassa a história atual, envolvendo a pressão que se exige na conjuntura em que se vive e que certamente afeta a socialização e a identificação dos problemas propostos. Em outros termos, o cotidiano acadêmico aumentou suas exigências, seja pelas agências de financiamento de pesquisa com

sua rigidez de prazos, seja pela crise financeira do país, a qual refletiu nas universidades, que tem enfrentado, devido aos cortes orçamentários, um momento muito difícil.

O tema Transtornos Mentais na Universidade vem ganhando destaque nacional. A Agência de Estado (AE) postou em 2017 relatos de alunos como pressão por boas notas, a extenuante carga horária de aulas, as dificuldades financeiras, os comentários preconceituosos e demais se tornaram cada vez mais frequentes e mobilizam universidades e movimentos estudantis a estruturar grupos de prevenção e combate aos transtornos mentais. As ações, para oferecer ajuda ou prevenir problemas como depressão e suicídio, incluem a criação de núcleos de atendimento mental, palestras e até o acompanhamento de páginas dos alunos nas redes sociais.

O psicólogo André Luís Masieiro, do Departamento de Atenção à Saúde da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), diz que a busca por auxílio psicológico está frequentemente ligada à exigência constante que se faz dos jovens. "Sem dúvidas há um aumento do fenômeno da depressão em universitários. A ameaça do desemprego e do fracasso profissional são fatores desencadeantes de depressão."

A UFSCar informou ainda que, entre outras iniciativas, distribuiu cartilha de práticas de acolhimento em saúde mental para docentes e funcionários que recebem alunos em situação de sofrimento psicológico.

Para combater o problema, instituições tentam, aos poucos, se aproximar dos alunos. No curso de Medicina da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Botucatu, usa-se como estratégias a indicação de professor mentor para quem teve mudança repentina no rendimento acadêmico e a participação de grupos estudantis nas redes sociais.

Já a Universidade Federal da Bahia (UFBA) criou, também em 2017, programa para prevenir e ajudar, pois eram muitos alunos com esgotamento, sem acompanhamento adequado, principalmente os de baixa renda. "Os cotistas sofreram rejeição, até mesmo de alguns professores", diz o psicanalista e assessor da UFBA Marcelo Veras.

Na UFMG o Boletim destinado à circulação interna e divulgação pública, é um dos espaços para essas discussões e propostas, também serve como termômetro, onde é mencionado, por exemplo: as estratégias e medidas de acolhimento para o atendimento aos alunos com sofrimento mental, feito pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE); Nele se relata a intervenção institucional, através da Semana de Saúde Mental e seus vários desdobramentos; a forma como alunos calouros são recepcionados, gerando um símbolo positivo no acolhimento acadêmico, visto que acelera a integração à comunidade; os desafios

e esforços de se tornar cada vez mais acessível aos estudantes com deficiência; as discussões em volta da saúde de mulheres, levando em consideração as diferentes e complexas realidades sociais. Enfim, uma gama de notícias relacionadas ou não ao tema saúde mental.

Diante da relevância do problema, demais meios de comunicação também se manifestaram sobre o tema. O Jornal O Tempo, Costa (2016) publicou o artigo : *Transtornos psíquicos afastam 13% da comunidade da UFMG, síndrome do pânico, ansiedade, distúrbios de humor e depressão estão entre os principais diagnósticos*. O dado é de estudo do Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador (DAST) da UFMG, entre 2011 e 2015.



Figura 1, ilustração da reportagem do Jornal o Tempo ilustrando a situação de sofrimento na Instituição. Fonte: O Tempo, 26 de maio de 2016. Disponível em [www.otempo.com](http://www.otempo.com) com último acesso em 10/ 02/2018.

A pesquisa foi feita a pedido da Comissão Institucional de Saúde Mental da UFMG (CISME). Diante do percentual considerado alto pela universidade, a UFMG irá criar diretrizes para combater a evasão por conta do sofrimento mental.

O Jornal Hoje em Dia publicou duas matérias, no ano passado, Damázio (2017) relacionadas à saúde psicológica na universidade. Uma trata a questão em si, ou seja, *Transtorno mental atormenta alunos da UFMG; instituição busca soluções*, a qual relatou tristeza súbita, sensação de medo, taquicardia, episódios de choro cada vez mais frequentes.

Coordenadora da CISME, Stella Goulart, professora do departamento de Psicologia, manifestou-se na reportagem e lembra que instituir um diálogo sobre a questão foi o primeiro passo para pensar em uma política para a saúde mental na universidade. “Geralmente, as instituições não falam sobre esse assunto e a principal resposta é a exclusão. O estudante ou o funcionário pede licença e enfrenta o problema no silêncio da sua vida privada. Isso não está certo”, frisa.

A outra publicação relata: *Contra ansiedade, estudantes recorrem a remédios para melhorar desempenho nos estudos*. O uso de medicamentos para melhorar o rendimento nos estudos não é exclusividade apenas de estudantes que têm algum tipo de sofrimento mental. Para lidar com a ansiedade, por exemplo, muitos alunos da UFMG encontram nos medicamentos a alternativa para manter o desempenho acadêmico. Para aumentar a concentração, o metilfenidato, conhecido popularmente como Ritalina, é um dos remédios procurados pelos universitários. Porém, pode causar dependência, aumento da pressão arterial e agravamento de comportamentos agressivos.

Cerca de 6% dos alunos da Federal já ingeriram Ritalina, conforme pesquisa realizada pelo Centro de Estudos do Medicamento da Faculdade de Farmácia da UFMG, em 2015. “O número, embora pareça pequeno, é semelhante ao encontrado em outros países que já consideram esse uso (para melhorar o desempenho acadêmico) como um problema de saúde pública”, afirma Joyce Melgaço, pesquisadora do departamento de Farmácia.

Não existem evidências científicas de que a substância seja eficaz para aumentar a concentração, já que ela é indicada para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e da narcolepsia. Em maio de 2016, a UFMG promoveu uma ação de conscientização sobre o uso racional do medicamento.

Reportagem feita ao Portal UAI, Lopes (2017) relata que *Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG*, como reflexo das exigências, prazos exíguos e pressão comum ao setor, estudantes e até professores da pós-graduação da UFMG registram quadros de depressão, ansiedade, interrupção de atividades e uso de remédios para transtornos mentais.

“O número de doentes relatado é apenas uma parcela da população da UFMG, a que recebeu atendimento. A pessoa nesse quadro paga um preço muito alto. Esse sofrimento precisa de uma atenção especial, sobretudo da universidade”, avaliou a diretora do DAST, Regina Barbosa. Ela informa, também, que os motivos principais no caso dos alunos são a inadaptação ao ambiente acadêmico, a competitividade e a distância da família.

Depressão e outras situações de sofrimento mental são problemas para muitos alunos, o ambiente é rígido e há cobranças por resultados. Se não tratadas, essas questões podem desencadear piora no rendimento acadêmico e a reversão é complicada. Em casos mais graves, nervosismo antes de fazer provas, ansiedade e falta de vontade de frequentar aulas podem culminar, inclusive, no afastamento de estudantes do espaço universitário.

O presente estudo buscou identificar indicadores de vulnerabilidade e bem-estar psicológicos em estudantes universitários. Os achados evidenciam a vulnerabilidade dos mesmos e apontam para a necessidade de ampliar a discussão em torno da saúde mental deles e de desenvolver programas de prevenção e intervenção.

O sofrimento mental de estudantes origina uma incerteza dramática, o depoimento deles é marcante, com histórias de desamparo e frustração de projetos de vida. Assim este trabalho tem um forte conteúdo empírico e é bastante embasada na observação do cotidiano organizacional. A gestão desse conflito, dentro de uma visão sistêmica, requer integração com toda a comunidade universitária.

## 1.2. Justificativa

A questão da saúde dos estudantes tem se tornado um ponto importante nas instituições de ensino, principalmente na educação superior. É uma situação complexa, multifacetada e multideterminada, envolvendo aspectos subjetivos, sociais e econômicos de forma interdependente.

As exigências e demandas pela vida universitária evidenciam que o estudante, desde o seu ingresso na instituição, deve apresentar recursos cognitivos e emocionais complexos para o manejo das demandas desse novo ambiente.

Diante desse quadro de sofrimento mental dos estudantes, corre-se o risco de perdas de possíveis profissionais e pesquisadores, além de gastos com o uso de recursos, espaços, contingente pessoal, administrativo e de docentes. As vagas que se tornam ociosas e que certamente repercutiram em indicadores que avaliam cursos, a exemplo o Conceito CAPES, também é uma consequência inevitável.

A população jovem na ótica demográfica está se tornando adulta, impactando no maior acesso aos Programas de Pós-Graduação, junta-se a isso a conquista de direitos, com ampliação de vagas nas universidades voltadas para a população de baixa renda e, também, a criação de mecanismos para a diminuição da evasão.

Estes alunos entram para o curso sem um lastro na realidade profissional que idealizavam. Neste sentido, um sonho pode se tornar um pesadelo, necessitando, então, de mecanismos que possam prevenir certos problemas e auxiliar na passagem por situações determinadas pela instituição.

Esse projeto de intervenção pretende propor formas de construção de instrumentos de atenção ao estudante de pós-graduação em matemática, que se encontra em situação de dificuldades como as apontadas acima.

À época da escrita desse projeto a UFMG estava em meio ao pleito para a elaboração da lista tríplice de gestores indicados pela comunidade. As três chapas que disputaram a eleição apresentaram um discurso assemelhado em relação ao foco na saúde mental e assistência e manifestaram suas preocupações e compromissos no debate, o qual foi coletado através do site de compartilhamento de vídeos Youtube, conforme a seguir: <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O debate dos candidatos à reitoria foi ouvido e transcrito, através do protocolo de transferência de dados entre redes de computadores na internet <https://youtu.be/dQuQUic40aE?t=12179>, em 10/02/2018.

Chapa 1 (Prof. Renato de Lima Santos e Profa. Carmela Maria Polito Braga) - Renato frisa que deva haver:

Um avanço na operacionalização nas instâncias administrativas, que a UFMG deve se estruturar para o acolhimento e para encaminhamento de situações de sofrimento psicológico...com responsabilidade institucional na busca de treinamento mínimo dos corpos docentes e técnicos na lida com situações desse sofrimento.

Carmela acrescenta “a importância da colaboração profissional e ações pró-ativas, que podem favorecer a criação de ambientes mais acolhedores, a exemplo espaços de esportes, que podem ajudar e minimizar o problema”.

Chapa 2 (Profa. Sandra Regina Goulart Almeida e Prof. Alessandro Fernandes Moreira) - Sandra mencionou o que já foi feito, como por exemplo, a criação da Rede de Saúde Mental e ela ressalta que: “a UFMG chamou essa questão para si, como uma missão institucional, com a coordenação da Profa. Stella Goulart, que já fazia algumas semanas de saúde mental...” relatou, também, a criação de uma comissão de saúde mental com o objetivo de se fazer um diagnóstico da situação, sugerir alternativas de curto, médio e a longo prazo. A partir disso, ocorreu a conclusão de um relatório que discrimina ações que precisam ser desenvolvidas. Ela afirma que:

Há necessidade de diálogo com a comunidade, para construir essa política de saúde mental da UFMG e que nós vamos implementar. Portanto, o diagnóstico está feito, apontando o rumo e será a próxima gestão que irá fazer e nós faremos. Estive a frente dessa discussão e me é muito cara.

Para ela, cabe à UFMG fazer parcerias com o poder público e, também, acolher essas demandas do três segmentos. Ela destacou o papel da Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), o apoio da faculdade de medicina, com a escuta acadêmica, a qual está ajudando a construir esse processo. “Então, há toda uma política sendo construída e que vai ser implementada. Isso tem que ser uma política para a universidade”.<sup>2</sup>

Chapa 3 (Profa. Andréa Mara Macedo e Profa. Paula de Miranda Ribeiro) – Andréa, primeiramente, elogia o processo já feito. Acrescenta que é preciso que se estenda a dimensão do tratamento, visto que é “um sofrimento da sociedade e enquanto sociedade nós fazemos parte dela.”. Alega que o que pode fazer a mais é:

---

<sup>2</sup> Chapa 2 (Profa. Sandra Regina Goulart Almeida e Prof. Alessandro Fernandes Moreira) foi a escolhida pela comunidade, permitindo interpretar que haverá a manutenção das linhas de pensamento e práticas do atual reitorado.

A integração do trabalho já realizado com as Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, além do nosso DAST, que tem feito o primeiro acolhimento, mas é preciso ir melhorando e capacitando professores e TAEs, para encaminhar as pessoas para o devido tratamento antes que o problema se agrave.

Além disso, ela expressa o desejo de “criar espaços e ambientes acolhedores, de amigos, mais harmoniosos e de fraternidade, que está faltando”.

Conforme visto acima é nítida a preocupação com o sofrimento e a saúde mental do corpo discente, que é o público alvo principal da Universidade.

Na UFMG, referência no país em ensino público superior e de pós-graduação, tem sido cada vez mais frequente o registro de casos de adoecimento mental entre estudantes, e também professores, como reação às pressões e desafios dos cursos. Depoimentos de alunos, confirmados pela reitoria da instituição, relatam quadros de depressão, ansiedade, angústia, paralisação de atividades estudantis, uso de medicamentos para transtornos mentais e até casos extremos de abandono dos cursos diante das dificuldades. Os dados de desistência ou de queixas registrados não são informados pela universidade, mas a lista de problemas é extensa e inclui relatos de pressões decorrentes de prazos curtos para cumprimento de metas e entrega de produções acadêmicas, falta de acompanhamento do orientador e até mesmo tratamento grosseiro e humilhante por parte desses professores com os alunos.

Cláudia Lommez (coordenação de política de assistência estudantil do Câmpus I, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG), que foi palestrante em roda de discussão sobre: Pressões Sofridas por Jovens Estudantes, no Campus Nepomuceno do Cefet/MG, relatou:

São muitas as pressões dentro de um ambiente em que há competitividade, com sobrecarga de conteúdos, além de prazos e metas exíguos a cumprir. O nível de exigência é muito grande, e isso muitas vezes resulta em alterações do sono, nas relações familiares e em outros contextos sociais. Pode ainda desencadear quadros de ansiedade, depressão e sensação de impotência.

Segundo Cláudia, confirmando os dados das pesquisas e relatos de casos atuais, os alunos têm feito uso de medicação, inclusive sem acompanhamento médico, e também abusado de álcool e maconha. A especialista afirma que o adoecimento mental não é regra dentro da instituição, mas que é um fator importante que tem sido discutido.

No entanto, a verdade é que, mesmo já existindo há muitos anos, e não sendo exclusividade da UFMG, os casos de adoecimento na federal mineira passaram a ser revelados somente nos últimos anos. E, ainda assim, são tratados com tabu, como reconhece a professora Stella Goulart, presidente da CISME da UFMG, conforme já relatado.

Questões relativas a sofrimento mental nos estudantes são uma realidade internacional e temos trabalhado com esse tema na UFMG onde ele, até pouco tempo, não vinha à tona. Não temos estudos para dizer se piorou ou se já era assim. Mas, desde que casos passaram a ser relatados, temos desenvolvido novas políticas de inclusão, encaminhamento para a rede pública de atenção psicossocial e acompanhamento dos alunos na universidade. As ações são voltadas para alunos da graduação e também para os estudantes da pós.

A professora declara que, depois que os casos começaram a vir a público, o clima passou a ser de alerta. “Estamos muito preocupados com a tensão dentro da universidade, com a saúde não só dos estudantes, mas também de professores e técnicos administrativos. As exigências no mundo acadêmico cresceram e temos que aprender a lidar com elas”, citando as cobranças das agências de financiamento de pesquisa, além de outras questões, como a atual crise financeira que as federais enfrentam. “Estamos em um momento de sucateamento do ensino público gratuito, o que também produz muito mal-estar”, afirmou.

De acordo com a Pró-Reitora Adjunta de Extensão, Cláudia Mayorga, a Rede de Saúde Mental, a qual é coordenadora, tem trabalhado com esse objetivo desde 2014 e, em maio deste ano, concluiu um relatório que indica as diretrizes para implantação de ações práticas, como acolher as dificuldades de alunos e professores, inclusive da pós-graduação, além de intervenções junto às coordenações do mestrado e doutorado.

Um primeiro encontro com esses setores já ocorreu e para os próximos dois meses está agendada nova reunião, para que cada coordenação apresente ações concretas de acolhimento das demandas individuais ou coletivas relacionadas a sofrimento mental. O documento está sintonizado com a Política de Direitos Humanos da UFMG e tem atuação em consonância com as práticas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Todo nosso esforço está voltado para transformar em medidas práticas tudo o que está desenhado no relatório, que tem diretrizes concentradas na construção de uma política continuada e permanente. Queremos nos antecipar às situações de adoecimento e afastamento do ambiente acadêmico em decorrência de problemas mentais, tudo isso com incentivo à qualidade de vida e enfrentamento à cultura de autoritarismo, individualismo e do produtivismo na academia.

Claudia confirma as situações de adoecimento e reconhece algumas das causas desse problema. “Os relatos são, como regra, voltados para a pressão dos prazos, à cultura de que ‘não se pode falhar’, e à questão da meritocracia. Na pós, isso é ainda mais evidente que na graduação”. Um dos motivos para esse quadro são as exigências dos programas. Ela ainda destaca:

Os critérios de avaliação do programa, cobrados pelas agências de financiamento, são muito rígidos e um deles é o tempo de defesa da tese e o número de publicação ao longo do curso. Mas o aluno pode ter um imprevisto ao longo do trabalho ou um problema de ordem pessoal.

De outra forma, a Pro Reitora sustenta que os cortes orçamentários e a crise econômica no país criaram um cenário de instabilidade profissional que também perturba. “Os alunos passaram a se questionar sobre os motivos para investir em uma qualificação se os concursos estão suspensos e há incertezas sobre a política trabalhista. Eles se perguntam, numa perspectiva de médio e longo prazos, que possibilidades terão de trabalho”, afirma Cláudia.

Segundo ela, outro desafio é vencer, dentro desse quadro tratado por ela como grave, os efeitos do adoecimento.

Existe também uma cultura de resolver com uso de medicamentos e internação, o que faz com que a pessoa se afaste do seu local de trabalho, de suas atividades. Como instituição, não somos a solução, mas estamos trabalhando para contribuir com essa mudança, tentando melhorar o ambiente de trabalho e de estudo.

Ao fim do relatório da CISME, a UFMG estabeleceu algumas proposições como a construção participativa de uma política de atenção em saúde mental. Universitários que lidam com sofrimento mental reclamam da falta de preparo de alguns professores ao se depararem com esse tipo de situação.

Outra dificuldade é reconhecida por Cláudia Mayorga, segundo ela, o diálogo com as áreas que lidam diretamente com alunos ainda é um dos principais entraves encontrados para que estudantes com sofrimento mental não sejam alvo de preconceito.

Porém, ela admite um longo caminho a ser percorrido:

Entendemos a necessidade de ação mais imediata com os coordenadores de colegiado, professores e servidores técnicos-administrativo, para que eles estejam abertos a acolher esses alunos e a entender que os problemas mentais não são ‘frescura’ das pessoas.

Em outubro, a universidade vai lançar uma cartilha de saúde mental com orientações de como a comunidade acadêmica deve proceder ao tratar de demandas desse grupo, como em pedidos de trancamento de matrícula. Além disso, o documento apresentará informações para ajudar as pessoas a identificarem nelas mesmas algum tipo de problema.

A UFMG também discute a revisão das normas acadêmicas. A expectativa é a possibilidade de o aluno com depressão e outros problemas psicológicos solicitar, ao

colegiado, acompanhamento especial. Com as mudanças, Cláudia espera a criação de um regime diferenciado para esses estudantes.

Na Instituição é oferecido apoio aos estudantes que passam por sofrimento mental por meio de órgãos e núcleos de assistência. No Serviço de Psicologia Aplicada, coordenado por professores e alunos de psicologia, 500 pessoas da comunidade acadêmica são atendidas por semestre. A rotatividade, porém, é baixa: não há novas vagas para este ano e a fila de espera tem 200 inscritos. É um problema.

Stella Goulart reconhece que a universidade não consegue realizar atendimentos psiquiátricos e psicoterápicos continuados para a grande demanda de pessoas com sofrimento mental, mas lembra que a instituição está estudando formas de acolher e encaminhar a comunidade para a rede de atenção pública, via SUS.

Conforme visto acima é nítida a preocupação com o sofrimento e a saúde mental do corpo discente, que é o público alvo principal da Universidade. Um exemplo precursor e primoroso é o que vem acontecendo desde 2007 na Faculdade de Medicina. A servidora do colegiado de graduação, Maria, estava muito incomodada com o fato dos estudantes irem ao seu setor para pedir trancamento parcial ou total de matrícula. Ela pediu um espaço, uma “salinha” para ouvi-los. Diante disso, ela esteve ciente dos conflitos, frustrações e todo tipo de sofrimento mental relacionado ao curso e sofrido pelos discentes.

Começou assim a escuta na medicina, ela conseguiu enxergar pontos de gargalo e, com isso, conseguia, também, fazer alguma intervenção junto ao colegiado, de ajuda aos alunos, seja referente à disciplina, professores e demais questões, traçando assim um plano de ação.

Atuar nessa causa é um trabalho importantíssimo, trata-se não somente de acolher, mas principalmente de prevenir contra situações de vulnerabilidade por parte dos estudantes de pós-graduação. Acredita-se que as escutas nas unidades acadêmicas é algo imprescindível e cada vez mais deva ser um objetivo a perseguir. A partir da Maria, a PRAE foi criada em 2014, vislumbra-se nesse projeto de pesquisa o nascer de várias Marias, uma em particular no PPGMAT, dando assim continuidade e total apoio à política da UFMG de uma rede de saúde mental voltada ao bem estar emocional da comunidade acadêmica.

### **1.3. Objetivos**

Na elaboração deste projeto de intervenção foi definido o objetivo geral e alguns específicos que permitem o alcance das metas propostas.

#### **1.3.1. Objetivo Geral**

Possibilitar acolhimento aos alunos com quadros de transtornos emocionais, que se encontrem na condição de baixo rendimento escolar no Programa de Pós-Graduação em Matemática.

#### **1.3.2. Objetivos Específicos**

- Detectar alunos do Programa de Pós-Graduação em Matemática com possíveis quadros de sofrimento psíquico e mental, atuando de forma preventiva e reativa em situações que possam causar impactos negativos na saúde deles;
- Encaminhar proposta de debate entre coordenador, orientadores e servidores. Alertando-os para os casos detectados, possíveis ações a serem tomadas, como diálogo (escuta) e encaminhamento para profissional especializado;
- Propor conexões com os serviços de assistência e apoio aos estudantes.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a complexidade e relevância do tema, além da mídia, a classe intelectual vem discutindo, publicando artigos, periódicos e uma infinidade de estudos, os quais abordam e tentam delinear a questão psicológica de estudantes universitários. A exemplo disso, há o Periódico Eletrônico em Psicologia (*versão On-line* ISSN 1982-3746), da Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (Rev. bras.ter. cogn. vol.10 no.1 Rio de Janeiro jun. 2014), que discorreu sobre a *Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário*.

Na contemporaneidade, com a ocorrência da pressão por si, da necessidade de profissionalização que exige ser especialista e generalista de forma concomitante, da explosão urbana advinda do êxodo rural, que gerou metrópoles e seus transtornos, da tecnologia, especialmente das relacionadas com a Informação (TI's), é compreensível que nesse mundo agitado e em constante mudança as pessoas sejam afetadas por transtornos e doenças psicológicas, que se não tratadas podem evoluir para quadros mais sérios, aonde existe a probabilidade de suicídio, devendo ser apontado que o autoextermínio está se tornando um problema, de saúde pública, que ultrapassa apenas aspectos individuais.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde:

...saúde mental, [é] compreendida como um estado de bem-estar em que o indivíduo desenvolve suas capacidades, supera as situações estressantes normais da vida, trabalha de forma produtiva e contribui para sua comunidade. (OMS, 2013: p.07).

A OMS também destaca que entre 10% e 13% da população mundial – 700 milhões de pessoas – têm transtornos mentais.

Segundo Mantovani e Forti (2007) saúde não se refere apenas de doenças, mais sim uma multiplicidade de aspectos do comportamento humano, dirigidos a um estado de bem estar físico, mental e social. Observamos que não são levadas em conta somente as condições de vida, mas também seu estilo de vida.

Muitos são os transtornos que abrem portas para todos os tipos de doenças psicológicas e psiquiátricas. A pressão, a necessidade de profissionalização, o crescimento das metrópoles, a tecnologia, o mundo agitado, enfim, todas as mudanças por quais estamos passando no mundo atual afetados por transtornos e doenças psicológicas que se não tratadas podem evoluir para quadros mais sérios levando o indivíduo ao suicídio (Mendes, Paz & Barros, Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2003).

O comportamento e o estilo de vida dos indivíduos podem ter um impacto significativo sobre o desenvolvimento ou a exacerbação das doenças. Muitos comportamentos que auxiliam na promoção e na manutenção da saúde são geralmente desenvolvidos durante os estudos, como hábitos alimentares saudáveis e prática de atividades físicas. Como especialistas em comportamento e saúde, os psicólogos têm desenvolvido e implantado programas que visam o aumento da frequência de comportamentos saudáveis (MIYAZAKI, DOMINGOS & CABALLO, 2001).

Portanto, o uso de recursos e conhecimentos da psicologia constitui uma importante ferramenta de que pode ser analisada pelo Programa de Pós-Graduação em Matemática, que aliada a outros processos e setores parceiros, para promover o acolhimento e contribuir para a melhoria do bem-estar da comunidade discente.

Para Carlotto (2002), a presença da exaustão emocional nos alunos é preocupante, pelo fato de a mesma poder trazer prejuízos na preparação e planejamento, motivada pela diminuição ou perda da motivação, na criatividade, na empatia, gerando um processo de distanciamento na relação com outros colegas.

Segundo o artigo *Depressão na Pós-Graduação*, Araujo (2012) “A imagem de nós cientistas no senso comum, como estereotipada por Einstein, é que somos meio loucos. De fato, parece que realmente não temos uma boa saúde mental, dada a alta ocorrência de depressão entre pós-graduandos.

Nesse texto afirma-se que boa parte dos estudantes de pós-graduação que desenvolvem depressão foram ótimos estudantes na graduação.

Para os cientistas em início de carreira, a competição no meio acadêmico pode levar ao isolamento, ansiedade e insônia, que podem gerar depressão. Esta pode ser acentuada se o estudante de pós-graduação tiver problemas extracurriculares e/ou com seu orientador, o qual tem um papel fundamental, mas que na prática não tenho observado muito: não se preocupar apenas com os resultados dos experimentos, mas também com a pessoa do estudante. Araujo (2012).

Já que a depressão altera significativamente a capacidade de fazer julgamento racional, o deprimido perde a capacidade de se reconhecer como tal.

De acordo com Araújo (2012) os principais sinais de depressão são: a) incapacidade de assistir as aulas e/ou fazer pesquisa, b) dificuldade de concentração, c) diminuição da motivação, d) aumento da irritabilidade, e) mudança no apetite, f) dificuldades de interação social, g) problemas no sono, como dificuldade para dormir, insônia ou sono não restaurativo (a pessoa dorme muito, mas acorda cansada e tem sono durante o dia).

Ainda segundo o autor a maioria das universidades não tem um serviço que possa ajudar os estudantes de pós-graduação. Não obstante, formas alternativas se mostraram relativamente eficazes. Por exemplo, mestrandos e doutorandos poderiam procurar ajuda em serviços oferecidos a alunos de graduação. Segundo Sharon Milgram (apud ARAUJO, 2012, obra citada), diretora do setor de treinamento e educação do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, “buscar ajuda é um sinal de força, e não de fraqueza”.

As diversas unidades da UFMG têm autonomia para criar setores de escuta acadêmica. Na Faculdade de Medicina, por exemplo, existem dois núcleos direcionados a promover a saúde mental da comunidade.

As mudanças devem ser implantadas de forma padronizada levando em consideração aspectos como flexibilidade e criatividade para que estas condutas não ganhem um tom de punição, e sim algo que se acrescentará aos indivíduos. Historicamente a informação é um fator chave neste quesito. Um ouvinte informado toma consciência da importância destas mudanças e, quando se trata de um processo agradável, o percentil de sucesso se torna muito mais alto Boccaletto (2007).

A ansiedade excessiva tem múltiplas faces e pode acometer os indivíduos de diversas formas. Ao longo dos anos, se não tratada, pode ocasionar doenças psicológicas mais graves. Fato é que os alunos estão constantemente ansiosos por apresentar bom desempenho acadêmico, elaborar uma ótima defesa de dissertação/tese.

As exigências e demandas da vida universitária evidenciam que o estudante, desde o seu ingresso na instituição, deve apresentar recursos cognitivos e emocionais complexos para o manejo das demandas desse novo ambiente.

Considerando as elevadas expectativas, as demandas inerentes ao mercado de trabalho e as aspirações pelo seu futuro profissional e pessoal, comumente se encontra como resultante uma alta prevalência de problemas psicoafetivos, por vezes desconhecidos. Tal desconhecimento pode levar à desvalorização de determinados sintomas ou mesmo a tratamento equivocado. Exemplos claros dessa problemática envolvem a identificação tardia e o tratamento inadequado da depressão e da ansiedade (BREEDLOVE & SCHORFHEIDE, 2001), consumo e dependência de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas (BOTTI, LIMA, & SIMÕES, 2010; PRINCE, CAREY, & MAISTO, 2013), alimentação inadequada, inatividade física (SOUSA, JOSÉ, & BARBOSA, 2013), bem como outros sintomas que são desvalorizados, muito embora devam ser reconhecidos como associados a condutas negativas à saúde.

Días e Gómez (2007) consideram que o ambiente acadêmico pode ser estressante quando não há condições e normas adequadas que permitam o desenvolvimento saudável da socialização e incentivem a comunicação de alunos com professores, pais, famílias e com a sociedade e suas relações ambientais. Assim, uma das principais estratégias de enfrentamento do estresse é o suporte social, pois, quando o indivíduo é exposto a um estressor e tem alto nível de suporte social, os efeitos negativos do estresse tendem a não aparecer (LEÓN & MUNOZ, 1992 apud MONZÓN, 2007).

Para Feldman e colaboradores (2008), o suporte social pode ocorrer por meio de recursos que podem ser oferecidos por todos que cercam a pessoa, fornecendo apoio emocional importante e oportunidade de compartilhar interesses comuns e situações em que o indivíduo se sinta compreendido e respeitado. É importante ressaltar que não é apenas a presença desses recursos que proporciona o suporte social, é a percepção que a pessoa tem de tal presença que torna o suporte eficaz.

A literatura aponta elevadas taxas de prevalência para sintomas de ansiedade e depressão em estudantes universitários, podendo ser, inclusive, superiores às encontradas na população geral (BAYRAM & BILGEL, 2008; IBRAHIM, KELLY, ADAMS, & GLAZEBROOK, 2013; SANTANDER, ROMERO, *HITSCHFELD*, & ZAMORA, 2011).

Segundo Joca, Padovan e Guimarães (2003) e Trucco (2002), o estresse parece ser um dos principais fatores ambientais que predisõem um indivíduo à depressão, pois, em cerca de 60% dos casos, os episódios depressivos são precedidos pela ocorrência de fatores estressantes, principalmente de origem psicossocial. Nessa perspectiva de análise, problemas financeiros foram identificados como importante fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais (BAYRAM & BILGEL, 2008; EISENBERG et al., 2007; STALLMAN, 2010; STEPTOE et al., 2007).

Residir em localidade distante do núcleo afetivo de origem tem sido apontado como importante variável no processo de investigação da saúde mental do estudante universitário. Nessa perspectiva, Fioravanti, Shaiani, Borges e Balieiro (2005) identificaram que um número significativo de estudantes, oriundos de localidades diferentes da região de localização da instituição de ensino, se considerou estressado (89,29%). Queixam-se de dificuldades de adaptação a novas situações, incluindo adaptação à cidade e à moradia ou separação da família, não havendo diferenças significativas entre as regiões.

Fica clara a importância dos pais neste processo e mais do que isso, o educar, dar amor aos filhos, mostrar presença e ensinar valores. A importância da família é significativa e

importante conforme nos mostra Figueira (2000). Isso nos remete à valorização dos hábitos familiares na sociedade, sendo ainda a escola, um local importante na formação do comportamento dos alunos.

Porém ainda sim, se faz necessário um referencial maior para que haja esta seleção e daí a importância da família e da universidade, pois, esses jovens estão em um período da vida em que estão mais sensíveis a mudanças e formação de hábitos. Por isso é indispensável à conscientização e o empoderamento dos alunos e da comunidade. (VILARTA, 2008).

A alta prevalência de sintomas depressivos, ansiosos e de estresse nos estudantes é considerada alarmante. A morbidade psicológica não implica apenas prejuízos no âmbito da saúde, desempenho e qualidade de vida dos estudantes, mas pode trazer consequências importantes nos âmbitos familiar, institucional e com pares. Isso reforça a necessidade de medidas de intervenção e prevenção específicas no contexto universitário (Bayram & Bilgel, 2008).

Petersen, Louw e Dumont (2009) e Petersen, Louw, Dumont e Malope (2010) demonstraram como os efeitos das características individuais dos estudantes, de sua capacidade de lidar com várias demandas e de sua interação com diversas fontes de apoio prestadas pela universidade são relevantes na determinação do desempenho acadêmico e para a adaptação do estudante à universidade.

Da mesma forma, Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) destacam que é importante não somente refletir sobre o processo de ensino, mas também sobre como as atividades acadêmicas são distribuídas durante o curso. Os autores ressaltam também a importância dos serviços de apoio à saúde mental, pois podem fornecer suporte a esses casos na medida em que contribuem para a prevenção do agravamento de sintomas, fortalecendo os mecanismos saudáveis e o potencial para lidar com os danos à saúde.

Considerando-se que os estudantes universitários são tidos como um grupo especial de investimento social do país, é necessário que se empreendam estudos focados nessa área, dando ênfase às dimensões mais vulneráveis nessa fase da vida a fim de identificar os fatores que predisõem a ocorrência do estresse emocional e, conseqüentemente, sua influência na saúde mental dos estudantes.

Os resultados das pesquisas relatadas reforçam a necessidade de um cuidado especial com a população universitária. Tendo em vista que esses estudantes encontram-se no auge de suas vidas produtivas, tais estimativas devem ser tratadas com cuidado. Cerchiari e

colaboradores (2005) destacaram a preocupação que se deve ter com o processo adaptativo dos estudantes na vida universitária, na medida em que os problemas e as dificuldades nesse processo favorecem a apresentação de sofrimento psíquico durante o período acadêmico.

De acordo com Cerchiari e colaboradores (2005) algumas sugestões para o melhor cuidado com esses estudantes estão em:

- (1) Incentivo à convivência com a família, seja por meio de apoio financeiro, seja por meio de melhoria de transportes ou de oferecimento de ajuda para visitação às famílias de outros Estados;
- (2) Aumento do número de profissionais de assistência psicossocial ao estudante com a criação de campanhas psicoeducativas para prevenção e tratamento do estresse junto a alunos, professores e demais profissionais de educação; e
- (3) Políticas específicas voltadas para a saúde da mulher.

Assim, se faz necessário o engajamento de toda a instituição para o sucesso de um programa de qualidade de vida no ambiente universitário, pois necessitamos de alterações nas diversas esferas de trabalho, gestão e usuários além de um modelo que permita a perpetuação destas mudanças comportamentais (MASSOLA, 2007).

Portanto, fica evidente o papel da própria universidade na necessidade de desenvolvimento de ações integradas de prevenção e tratamento do estudante universitário. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de estudos que venham a mapear a vulnerabilidade e a saúde mental nos centros de referência se revelou fundamental para o planejamento e o desenvolvimento de tais ações.

### 3. METODOLOGIA / PLANO DE AÇÃO

É assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas, transformam-se em conhecimentos em ciência, permanecem estáveis. Por este motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ciência se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional (SÓCRATES, *Apud* CARVALHO, 1989, p.16)

O desenvolvimento do presente trabalho apoia-se num princípio institucional de assumir uma postura de assistência aos alunos de Pós-Graduação em Matemática, quando estes apresentarem quadros de sofrimento mental, possivelmente pela grande responsabilidade que um curso como este representa. A falta de argumentação sólida para comprovar determinado fato exige a prática de pesquisas, baseado em métodos e dados concretos.

É neste aspecto que a metodologia pode, entretanto, contribuir no sentido de oferecer pontos de vista que tornem possível uma discussão crítica sobre a ciência e de sugerir parâmetros, que propiciem uma avaliação dos resultados da produção científica. Carvalho (1989, p.10).

Assim, é necessário definir o objeto de estudo, conhecer as fontes e os métodos para que se propicie segurança e agilidade na informação desejada. Diante desses argumentos e de nosso propósito, nada mais adequado que utilizar o Estudo de Caso, por ser voltado para a investigação de um fenômeno relevante e contemporâneo, como é o caso do sofrimento mental de alunos de pós-graduação em matemática, na Universidade Federal de Minas Gerais. Portanto, consideramos em nosso estudo de caso que a diversidade de procedimentos metodológicos fornecerá compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

De acordo com André (1995, p. 30-31), “a abordagem do estudo de caso vem sendo usada há muitos anos em diferentes áreas do conhecimento em que se faz o estudo exaustivo de um caso para fins de diagnose, tratamento ou acompanhamento”.

Consonante os objetivos propostos e o referencial teórico desta pesquisa, construímos essa proposta de intervenção, realizando os seguintes procedimentos metodológicos:

- (1) Análise bibliográfica e documental (relatório e boletim institucional, mais dados secundários), matérias midiáticas;
- (2) Entrevista gravada, semiestruturada, de modo que provoque “[...] um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado [...]”

(DUARTE, 2004, p. 216). Essa entrevista foi feita com a psicóloga técnica do Núcleo PRAE, Paula Maia Nogueira. transcrita, analisada e interpretada, com o propósito de identificar conceitos, além de prováveis estatísticas, ações e comportamentos tanto do estudante que está vulnerável, diante de um quadro de sofrimento mental, quanto da ação da UFMG; (ANEXO)

- (3) Elaboração de questionário com a finalidade de identificar os alunos com dificuldades psíquico-emocionais; (ANEXO)
- (4) Após análise dos questionários, encaminhar os resultados para a coordenação do programa, que já se propôs a intermediar junto com secretaria e com orientador, possíveis ações como o diálogo e encaminhamento para locais adequados de assistência estudantil. Para criação desse espaço buscaremos orientação com o artista plástico Welington Dias, criador do Jardim Mandala e de outros espaços de descanso e diálogo na Faculdade de Educação e em outras unidades da UFMG;
- (5) Pretende-se criar um espaço de escuta no colegiado, onde os alunos sintam-se a vontade para falar de suas queixas e, nesse sentido, haja interação dos três segmentos da UFMG: docentes, discentes e técnicos administrativos, para juntos proporem formas de enfrentamento, conexões com serviços de assistência e para que se tenha êxito na prevenção de agravos psíquicos e promoção de saúde mental os alunos em questão.

Não há custos financeiros, o departamento possui local reservado, onde o aluno possa se sentir à vontade para se manifestar de forma livre. De acordo com a psicóloga técnica do Núcleo PRAE, Paula Maia Nogueira, a iniciativa desse primeiro processo de acolhimento estudantil no curso, pode ser feita por um servidor que entenda das regras institucionais, que seja sensível, empático e transmita segurança, para que se consiga fazer o encaminhamento adequado, não tendo que ser necessariamente um psicólogo. “Aliás, não é um cargo, é uma função nova, que tem todo um desafio”, declara Paula.

#### 4. CRONOGRAMA

A delimitação de tempo para cada etapa do projeto, nos anos de 2017 e 2018, está exposta na tabela abaixo:

<b>Ações Previstas</b>	Pesquisa Bibliográfica Documental	Entrevista	Elaboração Questionário	Aplicação Questionário	Análise Questionário	Envio do Questionário Coordenação	Criação do Espaço
----------------------------	---	------------	----------------------------	---------------------------	-------------------------	---	----------------------

<b>Ações Previstas</b>	nov 2017	dez 2017	jan 2018	fev 2018	mar 2018	abr 2018	mai 2018	jun 2018	jul 2018	ago 2018	set 2018	out 2018
<b>Pesquisa Bibliográfica Documental</b>	X	X	X									
<b>Entrevista</b>		X										
<b>Elaboração de Questionário</b>				X								
<b>Aplicação de Questionário</b>						X*					X	
<b>Análise do Questionário</b>						X*					X	
<b>Envio do Questionário Coordenação</b>						X*					X	
<b>Criação do Espaço</b>									X			

(\*) A programação a priori era de aplicação, análise e envio do questionário à Coordenação, já no primeiro semestre/2018. Porém, imprevistos impossibilitaram a conclusão dessas etapas, o que devemos corrigir e manter os mesmos meses nos anos seguintes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho apoia-se num princípio institucional de assumir uma postura de assistência aos alunos de Pós-Graduação em Matemática, quando estes apresentarem quadros de sofrimento mental, possivelmente pela grande responsabilidade que um curso como este representa.

A secretaria está inquieta ao perceber alunos, que mesmo tendo um enorme potencial acadêmico, ao longo do percurso, como pós-graduandos, apresentam baixa no rendimento estudantil, atrasos nas entregas de exames de qualificação, projetos e trabalhos ou, na pior das hipóteses, abandonam ou são excluídos do programa.

Essa proposta vai ao encontro de um dos atuais focos da UFMG que é a saúde mental, prova disso é o aumento da discussão em torno desse assunto, com a criação da Pró-Reitoria de Assuntos em Assuntos Estudantis (PRAE) em 2014, local de acompanhamento ao discente e conforme relata a psicóloga técnica do Núcleo PRAE, Paula Maia Nogueira, quando questionada sobre política de acolhimento aos estudantes na UFMG:

Onde há uma busca pelo protagonismo do estudante e quando fazemos a intervenção, explicamos quais são os caminhos que o aluno pode seguir e a gente formação do cidadão e fazer devidos encaminhamentos.

Além disso, na contemporaneidade essa situação é atualmente preocupação não somente no meio acadêmico, mas ela também vem ganhando destaque e ampla divulgação na mídia, como foram abordados em diversas matérias jornalísticas, relatadas no desenvolvimento do projeto.

O Relatório Conclusivo da Comissão Institucional de Saúde Mental (CISME), também enfatiza a necessidade dos colegiados serem espaços de acolhimento e escuta para os estudantes, a partir da identificação de situações de solidão, desamparo, isolamento e dificuldades que são vividas pelos alunos. Com o tema principal sendo a saúde mental dos estudantes a Comissão percebeu pela maioria dos relatos que há um crescente agravamento no sofrimento psíquico dos mesmos. Alegam ainda, que na pós-graduação percebe-se, a falta de sensibilidade dos programas, voltados para a produção acadêmica, para lidar com os momentos de crise. Fatos esses que levam o estudante a vivenciar sozinho situações de pressão e adoecimento chegando muitas vezes ao desligamento da instituição.

Nesse sentido, o Relatório, assim como o Programa de Pós-Graduação em Matemática aborda a importância da escuta, para detectar precocemente situações de

adoecimento, causas do sofrimento mental, dialogar sobre encaminhamentos para situações específicas, apontando para a necessidade de investir na construção e manutenção desses espaços de acolhimento e disseminação da prevenção.

Portanto, é fundamental que os setores que tenham maior envolvimento com os discentes percebam a necessidade de desenvolvimento de ações integradas de prevenção e tratamento do estudante que estejam vulneráveis psicologicamente. Nessa perspectiva, o presente trabalho, que não esgota discussões sobre o tema, devido a alta complexidade do mesmo, propõe a instalação de escuta aos alunos de pós-graduação em matemática, a qual contribuirá não apenas para assistir aos alunos, mas também, será um elo que agregará apoio à instituição e, talvez, conseguirá motivar demais colegiados de pós-graduação, no que tange a saúde mental de seus alunos.

Dessa forma, demonstro minha gratidão, espero contribuir e devolver à UFMG um pouco de tudo que ela já me proporcionou. Meu crescimento profissional, acadêmico, cultural e, principalmente, humano tem crescido desde 2008, ano que ingressei na instituição.

## REFERÊNCIAS

AGENCIA DE ESTADO (AE). Transtornos Mentais entre Jovens Preocupa Universidades, postado em 17 de setembro de 2017, 08:37. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/09/17/interna\\_nacional,901216/transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/09/17/interna_nacional,901216/transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades.shtml), último acesso em 10/02/2018.

ARAUJO, John. Artigo Depressão na Pós-Graduação e Pós-doutorado, 25 de outubro de 2012. Disponível em: [http://www.neuro.ufrn.br/instituto/membros/pos\\_docs/sergio\\_arthuro](http://www.neuro.ufrn.br/instituto/membros/pos_docs/sergio_arthuro).

BOCCALETTO, E.A.; VILARTA, R. Diagnóstico da alimentação saudável e atividade física: IPES Editorial , 2007.

CARLOTTO, M.S. A síndrome de burnout o trabalho docente. Psicologia em Estudo, 7:21-29, 2002b.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. Construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

COSTA, Débora. JORNAL O TEMPO - Transtornos psíquicos afastam 13% da comunidade da UFMG, publicação em 26 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/transtornos-ps%C3%ADquicos-afastam-13-da-comunidade-da-ufmg-1.1306175>

DAMÁZIO, Malú. JORNAL HOJE EM DIA - Contra ansiedade, estudantes recorrem a remédios para melhorar desempenho nos estudos, publicação em 02 de setembro de 2017. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/horizontes/contra-ansiedade-estudantes-recorrem-a-rem%C3%A9dios-para-melhorar-desempenho-nos-estudos-1.556360>

DAMÁZIO, Malú. JORNAL HOJE EM DIA - Transtorno mental atormenta alunos da UFMG; instituição busca soluções, publicação em 02 de setembro de 2017. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/horizontes/transtorno-mental-atormenta-alunos-da-ufmg-institui%C3%A7%C3%A3o-busca-solu%C3%A7%C3%B5es-1.556343>

DIAS, M. B.; GÓMEZ, P. C. da R. Estratégias de enfrentamento do sofrimento. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 59-72, 2007

GIL. A.C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: 4ª edição, Atlas, 2002

LOPES, Valquíria. PORTAL UAI - Angústia na pesquisa: Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG, postado em 28/08/2017. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas\\_educacao,895535/pressoes-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas_educacao,895535/pressoes-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml), último acesso em 10/02/2018.

MANTOVANI, M.F, FORTI, J. O processo de adoecimento crônico. Relatório técnico 2007.

MASSOLA, R. M. Etapas de Implantação de Programas de Qualidade de Vida e a Mudança de Comportamentos. Ipês Editorial , 2007.

MIYAZAKI, M.C.O.S., & CARBALLO, V.E. (2001). Psicologia da Saúde: intervenções em hospitais públicos. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais.

REVISTA BRASILEIRA DE TERAPIAS COGNITIVAS - Vulnerabilidade e bem estar psicológicos do estudante universitário, Periódico Eletrônico em Psicologia (*versão On-line* ISSN 1982-3746), Rev. bras. ter. cogn. Vol.10, no. 1 Rio de Janeiro, jun. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Boletim UFMG. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://ufmg.br/busca?q=acolhimento+aos+alunos>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Plano de Desenvolvimento Institucional 2013-2017. Relatório Conclusivo CISME. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: [https://www.ufmg.br/conheca/pdi\\_ufmg.pdf](https://www.ufmg.br/conheca/pdi_ufmg.pdf).

VILARTA, R. Promoção da Qualidade de Vida na Escola: Desafios na Saúde de Comunidades Escolares. In: Vilarta,R. Boccaletto,E.M.A. (Org.)Atividade Física e Qualidade de vida na escola: 1 ed.Ipes, Campinas –SP,2008. Cap. 1.

**ANEXO I****Questionário Aplicado aos Alunos de Pós-Graduação em Matemática**

Este questionário tem a finalidade de identificar alunos em situações de sofrimentos emocionais, com intuito de possibilitar ações de assistência estudantil.

Nome:
Nível :
<input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado
1) Já lhe ocorreu algum episódio de desequilíbrio psicoemocional?
2) Procurou algum tipo de assistência? Se sim, qual (is)?
3) Como se sente emocionalmente em relação ao curso de pós?
4) Tem mais observações que deseja fazer a respeito desse tema?
Obs: Utilize o verso caso necessário

## ANEXO II

Entrevista feita com a psicóloga técnica do Núcleo PRAE, Paula Maia Nogueira.

- 1) Existem dados quantitativos de alunos que apresentem quadros de sofrimento mental? Se sim, eles são filtrados por graduação, pós-graduação, funcionários, docentes, enfim a comunidade acadêmica? E dado qualitativo, que observa perfil sócio econômico e cultural, gênero, questão racial e indígena, enfim toda a diversidade envolvida, que demonstre alguma realidade, para reconhecer as situações de vulnerabilidade?
- 2) Qual a sua percepção? O porquê desse adoecimento ou, pelo menos, parte dos motivos que os levam a essa situação? E com relação a Pós-Graduação tem particularidades?
- 3) Como é a atual política de acolhimento/apoio aos discentes em situação de sofrimento emocional na UFMG?
- 4) Quais conexões ou concessões podem ser feitas entre serviço de atendimento da UFMG (Extensão-psicologia), Prefeitura e Estado (outras esferas)?
- 5) Diante das conexões, como implantar, de fato, os atendimentos nos setores/departamentos/unidades? E já há locais com escuta acadêmica, e foi viável a assistência?
- 6) Qual o perfil profissional que influenciam vocês na hora de escolherem os candidatos que irão prestar o acompanhamento aos discentes? Já há uma equipe formada?

Em resposta a partes das últimas perguntas, Paula relata que:

A pró-reitoria tem apostado que essa forma de acolhimento proporciona prevenir o adoecimento e proporcionar qualidade de vida para os estudantes. Já há algumas formas de escutas implantadas: ICB, Farmácia, FALE, etc. e outros tantos que estamos em contato, com projeto ou já em andamento dele. O que entendemos, pelo menos, até agora é que é um servidor que tem que entender das regras institucionais, ser sensível para conseguir encaminhar corretamente e ter empatia pelo estudante, onde ele pode falar e se sentir seguro. Aliás, não é um cargo, é uma função nova, que tem todo um desafio.